

Assim do ponto de vista do negócio, os drivers para potenciar estas oportunidades são, entre outros, a digitalização e personalização da experiência através de uma visão integrada dos clientes, bem como dos processos de gestão nas empresas, associados à presença e crescimento nos mercados internacionais, pilares essenciais de uma estratégia sustentada de crescimento. A tecnologia é a base subjacente a todas estas mudanças, e cabe às organizações identificar as soluções tecnológicas que lhes proporcionem as vantagens competitivas para dar uma resposta adequada ao que os seus clientes procuram.



**João Paiva**

Marketing & Communications Director @Olisipo

Uma das grandes oportunidades envolve necessariamente o afamado “Plano de Recuperação e Resiliência” ou “A bazuca europeia”. Não apenas pelos milhões que serão investidos nos diversos programas, mas sobretudo por se tratar de um plano estratégico, com visão de futuro, para o desenvolvimento do País e da Economia. Nomeadamente há 2 pontos do PRR que merecem a nossa atenção: o da “Capitalização e Inovação Empresarial” e o das “Empresas 4.0”. Esmiuçados, ambos podem representar o seguinte: 1- mais oportunidades para a força de trabalho ligada às Tecnologias e 2- mais mercado interno para criar riqueza e prestar serviços tecnológicos. Por outro lado, não é possível retomar a economia de forma sustentável com escassez e falta de qualificação de profissionais de TI. A pandemia forçou o teletrabalho à maioria das empresas deste setor e, não estranhamente, agora torna-se no novo recente desejo de milhares

de profissionais, que já não querem regressar ao modelo tradicional ou, pelo menos, procuram muito mais flexibilidade, podendo isso representar mais uma dificuldade à contratação. O modelo de trabalho remoto abre também muitas portas para a globalização das empresas e da força de trabalho. Hoje, milhares de programadores portugueses trabalham para o estrangeiro, seja através de empresas portuguesas, seja como freelancers. Se esta flexibilização do mercado de trabalho pode trazer novos problemas ao mercado das TI a médio prazo, a curto prazo está a criar oportunidades para as empresas e a aumentar o rendimento dos profissionais mais qualificados. Não é novidade que há escassez de profissionais de TI qualificados em Portugal e a globalização da força de trabalho será uma tendência natural mas também uma das mais sustentáveis, sobretudo se olharmos para os mercados de língua portuguesa.



**Bruno Banha**

Solutions Design & Warpdev Director na Warpcom

Nestes tempos que vivemos de pós-pandemia ou um período prolongado entre duas grandes vagas é visível a retoma económica em vários sectores do mercado, há dois grandes temas que se destacam a nível global, potenciados pelos grandes blocos geopolíticos, a Organização das Nações Unidas e pelas populações dos países desenvolvidos com particular preocupação nas novas gerações, que são a digitalização e as alterações climáticas. Há um sector específico que endereça e lidera por completo estas duas grandes preocupações da humanidade e onde estão os maiores desafios dos próximos anos e dé-

cadadas. As cidades e comunidades regionais tem o papel principal na digitalização dos serviços e gestão dos recursos naturais, que disponibilizam aos cidadãos que vivem, trabalham e visitam a sua cidade.

Desafios como a iluminação inteligente o combate à criminalidade, passando pelos transportes interligados e sensores para recolha de lixo, tem transformado radicalmente a forma como as cidades gerem os seus recursos e o nível de experiências que proporcionam a quem lá vive, trabalha e/ou visita.

A sustentabilidade e o bem-estar são fatores-chave para as cidades e regiões que se querem cada vez mais modernos, competitivos, inclusivos e resilientes.

Portugal conta já com bons exemplos na forma como a digitalização ajuda a melhorar a rotina diária das cidades, mas ainda há muito por fazer e desafios a serem superados.

Uma cidade inteligente é aquela que aposta no desenvolvimento sustentável, que aproveita o poder da tecnologia para conectar, proteger e melhorar aspetos fundamentais de quem ali vive, visita e/ou trabalha e que assegura a máxima eficiência no uso dos recursos com soluções urbanas inovadoras.

A competitividade económica, qualidade de vida e sustentabilidade são os três objetivos principais numa Cidade Inteligente. A infraestrutura digital representa um importante motivador para consegui-lo e uma peça central para conectar pessoas, dispositivos e entidades.

As estratégias de inteligência urbana deverão centrar-se nas especificidades de cada território, não existindo receitas únicas para a transformação de uma cidade numa Cidade Inteligente (Smart City). Trata-se de um processo de construção evolutiva em que devem colaborar todos os atores locais: autarquias, centros de conhecimento, empresas, associações e cidadãos. E, claro, um parceiro tecnológico com o conhecimento, a experiência e as soluções que melhor respondam a cada caso e realidade.